

CM

Comunidade em Movimento

BOLETIM INFORMATIVO DA PARÓQUIA DE SANTO ANTONIO DOS CAVALHEIROS

1997 - 1998

Obrigado, João Paulo II

Neste momento da história da vida da Igreja, da humanidade e de cada um de nós as primeiras palavras para expressar aquilo que sinto é um profundo agradecimento a Deus por nos ter concedido a graça que foi o pontificado de João Paulo II. Acredito que estas palavras e este agradecimento constituem um sentimento comum de toda a nossa comunidade paroquial.

Sobre a sua vida e a sua obra de certeza que já muito sabemos e muito poderemos continuar a saber ao longo dos próximos tempos e anos através dos mais variados meios e fontes de informação. Por isso partilho em breves palavras aquilo que me vai no coração sobre o Papa João Paulo II.

Começo por dizer que há olhares que nos tocam profundamente e as vezes que tive oportunidade de estar perto de João Paulo II, as três vezes em Fátima, testemunho aquilo que também já ouvi dizer a outras pessoas: no meio da multidão quando ele passava por nós ele como que olhava para cada um de nós em particular, como se dissesse o nosso nome, como se já nos conhecesse de há muito tempo. Aquele olhar penetrante com aquele sorriso acolhedor e terno transmitia uma paz e uma serenidade arrepiantes, que ao mesmo tempo nos deixavam fascinados e familiarizados com ele.

Em 1997 participei em Paris, no Encontro Mundial da Juventude e fiquei impressionado pela presença massiva de tantos jovens, esperavam cerca de 500.000 e apareceu mais de um milhão, numa França secularizada, aparentemente indiferente, este homem já marcado pela doença, arrasta consigo, tal como em encontros anteriores e posteriores, aquela multidão de jovens que pelas ruas de Paris, como em tantas outras cidades do mundo, dão um testemunho da sua fé e da sua alegria ao aceitarem o desafio de seguirem Jesus Cristo, contra tantos outros desafios e propostas que o mundo lhes faz. Como não recordar o seu à vontade e a sua espontaneidade quando se dirigia a esses jovens: "olá malta" a expressão com que se dirigiu aos universitários de Coimbra em 1982.

Recordo dois momentos que me marcaram e que constituem uma das dimensões mais profundas do seu pontificado. Quando se encontrou pessoalmente na prisão com turco Ali Agca, que o tentou matar em Maio de 1981, para lhe perdoar. Quando em nome da Igreja recordou e reconheceu os seus erros e pecados de dois milénios e por eles pediu perdão à humanidade. Nestes como em tantos outros momentos revelou-nos o rosto de um Deus Misericordioso, um Deus de Perdão, um Deus de Amor. Um Deus no qual acreditava profundamente e que anunciou e testemunhou noutras ocasiões: o Deus da Paz, o Deus da Justiça, o Deus da Reconciliação, o Deus da Tolerância, o Deus do Diálogo, o Deus da Unidade, o Deus da Liberdade, o Deus da Vida, o Deus dos Pobres, o Deus dos Marginalizados, o Deus dos que Sofrem, o Deus dos Martirizados, o Deus de Toda a Humanidade...

Do muito que ainda poderia continuar a escrever realço a mensagem que nos transmitiu, sem quase nada dizer, nos últimos tempos da sua vida quando nos ensinou a olhar e a viver o sofrimento e a morte à luz da fé, enfrentando-a com coragem e serenidade, olhando para a cruz como sinal de salvação, apontando o caminho para a eternidade.

Por tudo isto e pelo seu pontificado dizemos obrigado a Deus porque nele nos deu tantos e tão grandes sinais da Sua presença no meio de nós. Que lá do céu ele continue a olhar para nós com aquele olhar que nos transmite a fé, a força, a coragem e a confiança para continuarmos a ser no mundo, como ele foi, testemunhas da presença salvadora de Jesus Cristo.

Para terminar recordo as palavras com que ele iniciou o seu pontificado e que ficam como um convite e um desafio eterno à Igreja, a cada um de nós e à humanidade: "Não tenhais medo! Abri de par em par as portas a Cristo!"

Obrigado, João Paulo II.

Até à eternidade!

Papa Wojtyła Biografia de João Paulo II

O Papa polaco é uma das figuras mais marcantes da história recente, na Igreja e no mundo, e tem atrás de si a herança de um longo Pontificado de 26 anos e meio.

Karol Wojtyła nasceu no dia 18 de Maio de 1920 em Wadowice, no sul da Polónia, filho de Karol Wojtyła, um militar do exército austro-húngaro, e Emília Kaczorowsky, uma jovem de origem lituana.

Aos 9 anos de idade recebeu um duro golpe, o falecimento de sua mãe ao dar à luz uma menina que morreu antes de nascer. Três anos mais tarde faleceu o seu irmão Edmund, com 26 anos, e em 1941 morre o seu pai.

Em 1938 foi admitido na Universidade Jagieloniana, onde estudou poesia e drama.

Durante a II Guerra Mundial (1939- 1945) esteve numa mina em Zakrzówek, trabalhou na fábrica Solvay e manteve uma intensa actividade ligada ao teatro, antes de começar clandestinamente o curso de seminarista. Durante estes anos teve que viver oculto, junto com outros seminaristas, que foram acolhidos pelo Cardeal de Cracóvia. Segundo relata o actual Pontífice, estas experiências ajudaram-no a conhecer de perto o cansaço físico, assim como a simplicidade, a sensatez e o fervor religioso dos trabalhadores e pobres. As marcas no seu corpo começam a aparecer quando em Fevereiro de 1944 é atropelado por um camião alemão e é hospitalizado.

Ordenado sacerdote em 1946, vai completar o curso universitário no Instituto Angelicum de Roma e doutora-se em teologia na Universidade Católica de Lublin, onde foi professor de ética.

No dia 23 de Setembro de 1958 foi consagrado Bispo Auxiliar do administrador apostólico de Cracóvia, D. Baziak, convertendo-se no membro mais jovem do episcopado polaco. Participou no Concílio Vaticano II, onde colaborou activamente, de maneira especial, nas comissões responsáveis na elaboração da Constituição Dogmática Lumen Gentium e Constituição conciliar Gaudium et Spes. Durante estes anos o então Bispo Wojtyła combinava a produção teológica com um intenso labor apostólico, especialmente com os jovens, com os quais compartilhava tantos momentos de reflexão e oração como espaços de distração e aventura ao ar livre.

No dia 13 de Janeiro de 1964 faleceu D. Baziak e Wojtyła sucedeu-lhe na sede de Cracóvia como titular. Dois anos depois, o Papa Paulo VI converte Cracóvia em Arquidiocese.

Durante este período como Arcebispo, o futuro Papa caracterizou-se pela integração dos leigos nas tarefas pastorais, pela promoção do apostolado juvenil e vocacional, pela construção de templos apesar da forte oposição do regime comunista, pela promoção humana e formação religiosa dos operários e também pelo estímulo ao pensamento e publicações católicas.

Em Maio de 1967, aos 47 anos, o Arcebispo Wojtyła foi criado Cardeal pelo Papa Paulo VI.

Em 1978 morre o Papa Paulo VI, e é eleito como novo Papa o Cardeal Albino Luciani de 65 anos que tomou o nome de João Paulo I. O "Papa do Sorriso", entretanto, falece 33 dias após a sua nomeação e no dia 15 de Outubro de 1978, o Cardeal Karol Wojtyła é eleito como novo Papa, o primeiro papa não-italiano desde 1522, ano da eleição do holandês Adriano VI. Tendo-se formado num contexto diferente dos Papas anteriores, João Paulo II viria a imprimir na Igreja um novo dinamismo, impondo ao mesmo tempo um maior rigor teológico e disciplinar.

Homem de luta num mundo em mudança

O Papa que veio do Leste recebeu uma Igreja cujo governo atravessava uma certa crise, presa na tensão entre os avanços do Concílio e a perda de identidade perante a modernidade. Desde o início, João Paulo II pediu "não tenhais medo" e fala na primeira pessoa do singular em vez do plural: esta afirmação de identidade vem acompanhada de uma experiência histórica notável, atravessando guerras mundiais e a vivência sob um regime comunista, que fala ao coração de milhões de pessoas.

A enorme produção doutrinal do Papa deve, pois, ser lida à luz da necessidade de dar respostas pastorais a um mundo em mudança. João Paulo II sempre foi capaz de definir etapas mobilizadoras da Igreja e do mundo, na busca de uma identidade forte - visível na devoção mariana e na formulação de um todo doutrinal - que fosse capaz de sustentar o diálogo com outras confissões religiosas.

A sensibilidade para as implicações na sociedade da acção da Igreja não inviabilizou que o Pontificado tivesse dado prioridade à acção pastoral, mesmo sem secundarizar a política. A ideia, explícita logo desde a primeira encíclica, é recentrar a mensagem cristã em Jesus, que revela ao homem o seu destino e a sua dignidade.

A "Redemptor Hominis" de João Paulo II revela-o atento à necessidade não só do diálogo ecuménico com todas as Igrejas cristãs, mas também com todas as religiões. Neste Pontificado há uma grande novidade: o Papa sabe que o mundo não se tornará completamente cristão ou católico, sabe que é necessário viver com os demais, sejam judeus, muçulmanos ou ateus, e isto é radicalmente novo na concepção da Igreja. Esta novidade representa um ponto fundamental deste Pontificado, a consciência de que a experiência católica tem de conviver com outras, e é pela qualidade desse convívio que ela pode evangelizar.

Muitos falam de um "Papa político", alguém que lutou abertamente contra os regimes comunistas de Leste desde a sua primeira viagem à Polónia em 1979 e contra o capitalismo reinante na sociedade ocidental. A Igreja é desafiada a resistir, anunciar e mudar: os apelos do Papa em favor do Terceiro Mundo percebem melhor à luz destas premissas.

As profundas transformações ocorridas na Europa no final do segundo milénio e no início do terceiro têm em João Paulo II um dos principais protagonistas. No começo do pontificado de João Paulo II, a Europa continuava dividida em dois

blocos por motivos ideológicos e geopolíticos. Começava a surgir, à época, o Sindicato Solidariedade, que ameaçava provocar instabilidade não só no interior da Polónia mas também em outros países do Leste Europeu. O Papa apoiou e estimulou a chamada "Ostpolitik", conduzida pelo seu Secretário de Estado, o Cardeal Agostinho Casaroli, e continuada pelo seu sucessor, o Cardeal Angelo Sodano. O processo culminou, no período do Presidente Gorbachev, em Março de 1990, com o restabelecimento das relações oficiais entre o Vaticano e a ex-União Soviética.

Com o final da guerra fria, os medos da humanidade viram-se hoje para a guerra das civilizações, confrontos com motivações religiosas entre o mundo árabe e o Ocidente. O papel de João Paulo II, mesmo aos 83 anos, voltou a ser fundamental. A campanha contra a guerra no Iraque é o acto que simbolicamente congrega as iniciativas e apelos de paz de João Paulo II ao longo dos últimos 26 anos, nascidos da convicção de que o respeito pelos direitos humanos é o único caminho para os povos.

Menos unânimes, mas igualmente firmes, foram as posições do Papa sobre os temas do matrimónio, da família, da defesa da vida desde a sua concepção até ao momento da morte natural ou da moral sexual. Essa acção, mesmo se contestada, apresenta João Paulo II como uma consciência crítica, em referência constante ao Evangelho. No dia 2 de Abril, o último gigante do nosso tempo morreu no Vaticano.

Recordes e curiosidades do Pontificado

Os 26 anos e meio de Pontificado de João Paulo II estão marcados pelos números mais surpreendentes e muitas "primeiras vezes" históricas:

- Além de ter sido o primeiro Papa polaco, foi o primeiro oriundo de uma país comunista – numa altura em que ainda existia a "cortina de ferro" na Europa.
- Foi um jovem que demonstrou grande interesse pelo teatro e literatura polaca.
- Trabalhou duramente numa mina.
- Quando gozou de boa saúde foi praticante de esqui, montanhismo e remo.
- É o primeiro Papa a repetir nomes dos seus dois imediatos predecessores.
- É o único Papa a ter sido atingido a tiro na rua.
- É o único pontífice católico que deu entrada num hospital público até hoje.
- Segundo uma sondagem nos EUA, o que mais cativa na sua figura é o sorriso, a devoção mariana, o domínio de várias línguas e o seu amor às crianças e aos pobres.
- João Paulo II ocupou o primeiro lugar numa sondagem que pedia a alunos do secundário de Portugal, Espanha e América Latina para indicarem "a pessoa que mais admiram".
- No Natal costuma oferecer aos amigos, cardeais e todos os trabalhadores no Vaticano uma garrafa de vinho e um pão doce de limão com passas.
- Vai confessar em todas as Sextas-feiras Santas na Basílica de São Pedro. Baptiza na sua capela privada os filhos dos seus amigos ou dos seus mais modestos colaboradores. Já casou um serralheiro com uma mecanógrafa.
- Em Março de 2003 o Vaticano apresentou o sexto livro de poemas místicos escritos pelo Papa, o "Triptico Romano".
- Realizou três exorcismos durante o Pontificado, sendo o mais conhecido o realizado a uma jovem, em 1982, que se mostrou muito agitada durante a audiência geral.
- No dia 13 de Abril de 1986 realizou um gesto histórico ao visitar a sinagoga de Roma.
- Pediu perdão pelas faltas humanas cometidas pela Igreja Católica numa intervenção a 12 de Março de 2000, ano do Jubileu.
- É o primeiro Papa a ter rezado numa Mesquita, na Síria, um gesto que muitos sectores mais conservadores não receberam de bom grado.
- Em Maio de 2002 reuniu-se na Praça de São Pedro com centenas de antigas prostitutas, durante a audiência geral.
- Nesse mesmo mês, depois do encontro ecuménico de oração em Assis, enviou uma mensagem aos chefes de Estado convidando-os a adoptar 10 compromissos pela paz mundial.
- Recebeu no Vaticano uma delegação oficial da Igreja Ortodoxa Grega, a primeira desde o cisma de 1054.
- Em Agosto de 2002 celebrou uma Missa em Cracóvia que reuniu 2 milhões de fiéis, a maior de toda a história.
- No dia 14 de Novembro de 2002 visitou o parlamento italiano, algo que o Papa não fazia há 150 anos. O seu discurso foi tão eloquente que o mafioso Benedetto Marciante, capo de la Cosa Nostra, se entregou à polícia romana.
- Os pensamentos do Papa já estão disponíveis por SMS em vários países.
- Em Junho de 2003 completou as 100 viagens apostólicas, na Croácia.
- Uma montanha do Polo Sul tem o nome do Papa João Paulo II, como homenagem aos seus 25 anos de Pontificado.
- Proclamou 1.338 beatos, canonizou 482 santos, mais do que em todos os Pontificados desde a criação da Congregação dos Ritos hoje Congregação para as Causas dos Santos) em 1588.
- Convocou 9 consistórios para a criação de cardeais e nomeou 232 cardeais, um dos quais "in pectore".
- João Paulo II tem o 3º maior Pontificado da história
- Após 26 anos de Pontificado, João Paulo II realizou 104 viagens apostólicas fora da Itália, a que se juntam 146 nesse país.
- Visitou 129 países diferentes e mais de mil cidades, num total de quase 1.300 quilómetros percorridos, suficientes para mais de três viagens entre a terra e a lua e 29 voltas à terra.
- Nestas viagens pronunciou 3288 discursos e esteve fora do Vaticano um total de dias correspondentes a dois anos e três meses.
- Escreveu 14 encíclicas, 15 exortações apostólicas, 11 constituições apostólicas, 46 cartas apostólicas.
- O Papa encontrou-se com 17,5 milhões de pessoas em 1164 audiências semanais. Mais de Mil Chefes de Estado e de Governo passaram pelo Vaticano.

Amor traz a paz

No Domingo, dia 3 de Abril, foi lida a mensagem que João Paulo II tinha preparado para a recitação da oração mariana do «Regina Caeli», no Domingo da Misericórdia. O texto foi lido "por indicação explícita" do Papa pelo arcebispo Leonardo Sandri, substituto da Secretaria de Estado, após a celebração eucarística em sufrágio por João Paulo II presidida pelo cardeal Angelo Sodano.

"À humanidade, que em certas ocasiões parece como perdida e dominada pelo poder do mal, do egoísmo e do medo, o Senhor ressuscitado oferece como dom o seu amor que perdoa, reconcilia e volta a abrir o espírito à esperança. É o amor que converte os corações e dá a paz. Quanta necessidade tem o mundo de compreender e acolher a Divina Misericórdia!", diz a última mensagem escrita do Papa para os católicos de todo o mundo.

"Jesus, confio em ti, tem misericórdia de nós e do mundo inteiro", concluía João Paulo II.

TESTAMENTO DE JOÃO PAULO II

No dia 7 de Abril foi aberto e divulgado o Testamento de João Paulo II.

A grande novidade é que João Paulo II admitiu renunciar após o Jubileu de 2000, mas colocou a ideia de parte e confiou-se à vontade de Deus. O «Testamento espiritual» fala no atentado de 1981, na guerra fria e agradece a toda a Igreja e aos fiéis de outras religiões.

"Espero que Ele (o Senhor) me ajude a reconhecer até quando devo continuar este serviço, ao qual me chamou no dia 16 de Outubro de 1978", refere uma passagem do documento, na qual João Paulo II reflectia sobre o seu ministério de Papa.

No ano 2000, numa das secções do seu testamento de 15 páginas (algumas com vários parágrafos, outras apenas com algumas linhas), redigido ao longo dos anos do seu pontificado, o Papa revelou que rezava para ter "a força necessária" para continuar a sua missão enquanto líder da Igreja Católica.

"Segundo os desígnios da providência foi-me concedido viver no século difícil que agora termina e agora, no ano em que a idade da minha vida chega aos oitenta anos, é preciso perguntar se não chegou a altura de repetir com Simão da Bíblia *nunc dimittis*", escreve o Papa, confiando-se assim de forma incondicional à vontade de Deus - significado principal desta oração rezada todos os dias pela Igreja na Liturgia das Horas, nas Completas.

O testamento foi escrito em várias etapas, começando a 6 de Março de 1979 e concluindo-se a 18 de Março de 2000, num total de oito partes. Desde o primeiro momento, o Papa tem presente o pensamento da morte e quer preparar-se para ela.

Entre outras revelações, João Paulo II afirma ter considerado a possibilidade de que o seu funeral decorresse na Polónia, mas deixou essa decisão nas mãos do Colégio Cardinalício já no ano de 1985.

O Papa agradece à Divina Misericórdia, que o salvou "de modo milagroso da morte" no atentado que sofreu a 13 de Maio de 1981.

O Papa descreveu o século XX como um "século difícil" e agradece ainda à Providência pelo facto de a Guerra Fria "ter acabado sem um violento conflito nuclear".

Segundo o documento, João Paulo II não deixou bens materiais e pediu que todas as suas notas pessoais fossem queimadas.

"Quanto às coisas de uso quotidiano das quais me sirvo, peço que as distribuam como for mais oportuno" concluiu. De todas as vezes que alterou o seu testamento, o falecido Papa disse sempre que estava preparado para a morte.

No testamento são mencionados apenas dois nomes de pessoas ainda vivas: o do seu secretário pessoal, o arcebispo polaco Stanislaw Dziwisz, e o do Rabino de Roma, Elio Toaf, que o recebeu na sinagoga da capital italiana em 1986. A ambos dedicou palavras calorosas e agradecimentos pelos distintos papéis que desempenharam no seu pontificado.

São igualmente lembrados no testamento os pais e os irmãos do Pontífice.

O Papa agradeceu à Igreja Católica e às outras religiões pelo apoio que lhe deram durante a sua vida, na parte final do seu testamento, referindo ainda os artistas, cientistas, políticos e ao mundo.

O testamento termina com as seguintes palavras: "A todos só quero dizer uma coisa: 'que Deus vos recompense.'"

"Nas Tuas mãos, Senhor, encomendo o meu espírito"

Comunidade em Movimento, SUGERE-TE:

"Não tenhais medo! Abri de par em par as portas a Cristo!"

João Paulo II

Coordenação: Frei Fernando Araújo, Abílio Casaleiro, Agnelo Noronha, Altamiro Figueira, Dimas Pedrinho, Sónia Ferreira.

Colaboradores Permanentes: Artur Morão, Luís Figueiredo, Manuel Carvalho, Rosa Churro

Impressão: Fábrica da Igreja Paroquial de Santo António dos Cavaleiros Tiragem: 1000 Exemplares

Propriedade: FÁBRICA DA IGREJA PAROQUIAL DE STO. ANTÓNIO DOS CAVALEIROS - Av. Francisco Pacheco - 2671 - 801 SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS - Tel. 219 884 366

INTERNET: - www.paroquia-sac.web.pt

EMAIL: paroquia.sac@mail.pt

EMAIL: comunidade.movimento@mail.pt